

Isabel Nery

OS CINCO HOMENS
QUE MUDARAM PORTUGAL
PARA SEMPRE

Mário Soares | Sá Carneiro | Álvaro Cunhal |
Freitas do Amaral | Ramalho Eanes |

Biografias Cruzadas



ÍNDICE

PARTE I	11
Capítulo 1. Sobreviventes ou predestinados.....	13
Capítulo 2. Capítulo de dois subversivos	29
Capítulo 3. Cunhal e Soares	47
Capítulo 4. Clandestinos unidos.....	64
Capítulo 5. Sá Carneiro, o obstinado errático.....	73
Capítulo 6. Cai a neve, forma-se o PS	90
Capítulo 7. 1973, o ano de todos os inícios	97
PARTE II	107
Capítulo 8. Um poema, três estrofes, uma revolução.....	109
Capítulo 9. Ei-los que regressam.....	119
Capítulo 10. O comboio da liberdade e o avião de Lenine.....	125
PARTE III	139
Capítulo 11. O primeiro entre os primeiros.....	141
Capítulo 12. Freitas, o legalista	149
Capítulo 13. Partidos, para que vos queremos.....	164
Capítulo 14. Aprender a viver em democracia.....	173
PARTE IV	181
Capítulo 15. 11 de Março.....	183
Capítulo 16. Especial eleições.....	193
Capítulo 17. Verão escaldante: o início.....	205

PARTE V	211
Capítulo 18. Meu louco mês de novembro.....	213
Capítulo 19. Eanes, o enigmático.....	224
Capítulo 20. Um governo em greve.....	230
Capítulo 21. Armados venceremos.....	234
Capítulo 22. À beira da Guerra Civil.....	239
Capítulo 23. Moderados, precisam-se.....	258
Capítulo 24. 1976: o ano de todas as eleições.....	268
EPÍLOGO	281
ÍNDICE ONOMÁSTICO	293
SIGLAS	300
FONTES	301
BIBLIOGRAFIA	303

CAPÍTULO 1

Sobreviventes ou predestinados

Na clandestinidade foram Duarte, Daniel, José Augusto ou Gomes. Para a história ficaram Cunhal, Soares, Sá Carneiro, Freitas do Amaral e Eanes. Mas antes mesmo de serem perigosos revolucionários, clandestinos, deputados, líderes partidários ou presidentes da República, foram o Gigi, o Tó, o Chico, o Diogo – ou apenas o “maninho”. No princípio ainda não era a política. E é pelo princípio que vamos.

Álvaro é o mais velho dos cinco homens. A 19 de novembro de 1913, os médicos da Maternidade Daniel de Matos, em Coimbra, têm a boa nova para dar a Avelino e Mercedes Cunhal: nascera o bebé Álvaro, terceiro filho do casal, depois de António José e Maria Mansueta.

Nesse mesmo ano seria publicada em Portugal a súpula de *O Capital*, de Karl Marx¹ e, em junho, regista-se a criação da Faculdade de Direito de Lisboa. O primeiro evento apressa a chegada dos pensamentos revolucionários às mãos dos jovens comunistas portugueses, como será o nascituro dali a 17 anos. Logo no ano seguinte, em novembro de 1914, o país que o vê nascer participa na Primeira Guerra Mundial, decisão política que em muito contribuirá para a pobreza e a profunda crise económica que abala a nação, animando contestatários e revoltosos – como será Cunhal.

¹ Rodrigues, António Simões (coordenação). (1996). *História de Portugal em Datas*. Temas e Debates, p. 276.

O segundo evento permitirá ao estudante Álvaro dar início ao seu percurso de jurista na capital do país. Advogará pouco, mas será na Faculdade de Direito de Lisboa que se estreia naquilo que o traz até estas páginas: o seu despertar para os ideais comunistas e a sua atividade política.

Partilhada pelos distritos da Guarda e Viseu, é na cidade dominada pela Serra da Estrela que Álvaro, nascido numa família religiosa, frequentadora da missa aos domingos, recebe o batismo, apadrinhado pelo irmão, António José, na Igreja Matriz de Seia, a 5 de maio de 1919.¹ Era já menino de 5 anos.

Com a vinda do terceiro filho, o agregado familiar tinha crescido de quatro para cinco, decidindo em breve, quando o pequeno Álvaro tinha ainda 3 anos, mudar-se de Coimbra para Seia, onde reside com os pais e os irmãos numa moradia de dois pisos.² Por aí brinca na neve, joga ao berlinde e arranha-se nas silvas como qualquer criança do seu tempo.³

É na terra dos lanifícios, numa época em que 60% da população ativa portuguesa vivia da agricultura, que aprende as primeiras lições. A começar pelas da vida, instruídas no campo, onde brinca com os amigos ao tiro às andorinhas. Um dia, conseguindo atingir uma dessas aves da primevera, volta para casa orgulhoso da conquista. Entusiasma-se no relato da proeza ao pai, que logo lhe mata a felicidade. No entender de Avelino, não lhe cabia por direito: “Às vezes, para viver, os homens necessitam de fazer mal. Mas quanto menos se faz isso, melhor. Esta tua façanha não é nenhuma vitória.”⁴ Tinha escassos 5 anos, mas as palavras do progenitor ficaram para sempre, como admitirá o próprio.

¹ Cunha, Adelino (2019). *Álvaro Cunhal: retrato pessoal e íntimo*. Porto Salvo: Desassossego.

² *idem*

³ Carvalho, Ana Margarida (16/05/2005). “O Imprescindível”. *Visão*.

⁴ Cunha, Adelino (2019). *Álvaro Cunhal: retrato pessoal e íntimo*. Porto Salvo: Desassossego, p.59.

O ensino formal há de revelar-se igualmente penoso. Mas desta vez terá o apoio do pai. De pensamento liberal e conhecedor dos modos violentos usados nas salas de aula do Estado Novo, acede ao pedido do filho para não voltar à escola e àquela brutalidade de métodos. O pequeno, decide Avelino,¹ aprenderia em casa. Assim se fez. Para bem de Álvaro. Por sorte de Álvaro, que vivia num país onde, ainda em 1911, o analfabetismo era o único carimbo académico possível para mais de 75% da população.

Dois anos depois do nascimento do mais jovem dos Cunhais, o pai, Avelino, publica o seu primeiro livro, com apenas 26 anos. Seria também governador civil da Guarda, mas deixa o cargo para se mudar para Lisboa, em 1923. Além de advogar e de dar aulas de História, escrevia e pintava, chegando a expor na Sociedade Nacional de Belas Artes.² Pelas semelhanças de carácter e de gostos, mas também pelo afeto, tornar-se-á uma referência basilar na vida do filho. Mais do que a mãe.

É, portanto, numa família burguesa, não só altamente diferenciada para a época, como com algumas posses financeiras, que se educa o Álvaro menino, futuro comunista de uma vida.

Em breve, porém, o núcleo Cunhal encolherá drástica e dramaticamente, com a perda dos dois filhos mais velhos. Primeiro Maria Mansueta, de apenas 9 anos. Depois António José, aos 24. Ambos colhidos pela febre das almas, a mortífera tuberculose que, nos anos 1930 do século passado, ceifava à contabilidade de 13 mil mortos por ano.

Causadoras de dor profunda, as perdas tão precoces hão de marcar para sempre a relação entre um filho subversivo e uma mãe dorida, que deixará de o visitar na prisão por não aguentar sequer imaginar o luto de mais um descendente. Nem que fosse só o risco dele, que, no caso de Álvaro, se torna crescentemente

¹ *idem*

² *idem*

real devido às atividades políticas na clandestinidade e a todos os maus-tratos a que isso levará.¹

A chegada da irmã, Maria Eugénia, completa a família Cunhal. Ao contrário da mãe, manterá sempre contacto com o “maninho”, tornando-se, em todas as etapas da sua vida, num apoio emocional e afetivo, dos mais fortes e dos poucos abertamente assumidos por Álvaro. Após a morte dos filhos mais velhos, o casal Cunhal muda-se para a capital, onde começará por viver na Rua Pinheiro Chagas, quando o membro mais novo da família tinha apenas 11 anos.

O ano de migração dos Cunhal para Lisboa, 1924, será também o do nascimento do elemento seguinte do quinteto: Mário.

Onze anos depois de Álvaro, diferença de idades suficiente para um ser mentor do outro, mas não tanto que os impeça de se tornarem camaradas de partido, primeiro, adversários políticos, depois. Inimigos íntimos, por fim.

Mas antes de tudo isso é preciso fazê-lo arribar, o que acontecerá na capital do país. Dar início à existência no hospital, como sucede a Álvaro, era, então, ainda uma novidade para poucos. Como a maioria dos portugueses, Mário nasce em casa, na habitação do casal Elisa e João, no segundo esquerdo do n.º 163 da Rua Gomes Freire, pelas dezoito horas e quinze minutos.² O único alfacinha dos cinco homens, embora a história os traga a todos depois até Lisboa.

Ao contrário do que sucede a todos os outros futuros políticos, a Mário, já veremos, não será roubado nenhum irmão pelas maleitas mortíferas da época. Porém, também a relação de Gigi, alcuinha de família, com os irmãos, já jovens adultos de 18 e 17 anos quando se dá o nascimento de Mário, será peculiar. O mais velho, Tertuliano, apenas filho de João Soares, estuda para médico, e Cândido, apenas filho de Elisa, torna-se secretário do colégio

¹ *idem, ibidem*

² Vieira, Joaquim (2013). *Mário Soares: uma vida*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

dos pais.¹ Uma tão grande diferença de idades fará de Mário um quase filho único no que ao mimo e atenções diz respeito.

Réplica da mãe em feições e do pai em feitio, cresce criança despreocupada e feliz, mas de vida escolar pouco proveitosa. Talvez porque o pai, republicano envolvido nas lutas políticas, fosse preso por várias vezes, vivendo exilado na Madeira e nos Açores durante boa parte da infância do único filho do casal Elisa e João. É deste último arquipélago, onde fica desterrado, que escreve a Mário dizendo que espera carta dele em todos os barcos que chegam à ilha, perguntando pela nova casa e recomendando que não se esquecesse de ser “muito amiguinho da mãe, obediente e estudioso”.²

Gigi começa por frequentar o jardim-escola João de Deus, a partir de 1927, mas aos 7 anos passa para o regime de internato no colégio da família, Bairro Escolar do Estoril, na Avenida Saboia. A asma que lhe afligia a meninice é o pretexto para a mãe alugar uma casa no Estoril, que servia também para os alunos mais velhos do estabelecimento de ensino.³

Mais tarde, também Francisco Sá Carneiro passará temporadas na localidade do concelho de Cascais, onde os banhos da Poça eram afamados no tratamento de doenças de pele, fígado e asma, para melhorar a sua condição de criança frágil. Mas faltavam ainda dez anos para Chico vir ao mundo.

Até lá, o pequeno Mário faz a quarta classe nas Caldas da Rainha, depois de o pai se desentender com o primeiro sócio e fundar uma nova escola, Nuno Álvares, na Venda do Pinheiro. “Péssimo aluno”, na avaliação do próprio, chumba no exame de admissão ao liceu. Mas, graças ao que Soares entende ser o primeiro sinal de que viria a ser um homem de sorte, os resultados, de tão maus a nível nacional, são revistos, e dali a uma semana

¹ Avillez, Maria João (1996). *Soares – Ditadura e Revolução*. Lisboa: Público.

² Arquivo Fundação Mário Soares e Maria Barroso, carta de João Lopes Soares para o filho, Mário Soares.

³ Avillez, Maria João (1996). *Soares – Ditadura e Revolução*. Lisboa: Público.